

**Rita Marnoto; Ana Beatriz Andrade** (coord. e trad.). **Pier Paolo Pasolini. 100 Anos.** Coimbra: Secção de Estudos Italianos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Série “Leonardo”, 7), 2023, 137 pp.

O volume reúne um conjunto de ensaios dedicados à obra de Pier Paolo Pasolini por ocasião do “XIII Encontro de Italianística” organizada pela Secção de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra, celebrando assim o centenário do nascimento de uma figura marcada pela heterodoxia que percorre a sua gigantesca e apaixonante obra como poeta, romancista, cineasta e ensaísta. Revisitando aspectos da obra pasoliniana, procuram iluminar a complexidade e paradoxos do pensamento do Autor, como no caso de Giulio Ferroni que os interpreta como reflexo da «degradação de um modelo de humanidade»; de Giovanbattista Tusa e o conceito de tempo em Pasolini, suspenso num apocalipse latente; de Maura Locantore e a oficina do poeta, analisando os «graus de nostalgia das origens» através do laboratório, aqui estudado, do “Centro Studi Pier Paolo Pasolini

di Casarsa”. Também é de referir o estudo de Roberto Gigliucci e a sua eloquente análise da curta metragem *La sequenza del fiore di carta*, posta em relação com outras fases da produção cinematográfica (e o subproletariado é motivo constante).

Revestem-se todavia de interesse especial os textos que, de qualquer modo, têm que ver com a recepção da obra pasoliniana em Portugal, tanto literária como cinematográfica. A este sector dedicou António Pedro Pita uma memória crítica da actividade do Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra; da fortuna editorial de Pasolini, no caso concreto a fundação da Editora Centelha e da publicação de *Últimos Escritos* (1977), com textos seleccionados por Manuel Braga da Cruz, seu tradutor, por se tratarem certamente de textos escritos pouco antes da morte trágica de Pasolini e só publicados postumamente. Nessa memória insere António Pedro Pita uma análise lúcida dos dois textos então propostos pela editora Centelha. A este propósito, seja-me permitido recordar que a minha breve antologia, *Pasolini, poeta* (Plátano, 1978), foi

organizada a pensar nos “CADERNOS D. QUIXOTE”, já desde, pelo menos, 1975. Com a saída de Carlos Araújo da editora, foi-me dito que a nova política editorial da D. Quixote nunca publicaria a antologia. Daí este interregno até 1978, aceitando a proposta da editora Plátano.

Uma análise exemplar mas à obra fílmica de Pasolini é a do conhecido estudioso de cinema e das suas formas de expressão, Abílio Hernandez. Com toda a pertinência, aqui se analisa a questão do sagrado como conceito político, o que justifica a paixão consagrada como ideologia (*Passione e Ideologia* é precisamente o título de um importante volume de ensaios pasolinianos de 1960). E também, no âmbito das relações entre Pasolini e a cultura portuguesa, é justo referir o ensaio de Rita Marnoto no qual, para além de analisar a surpresa da ligação do intelectual italiano a *Os Lusíadas*, de Camões, se estuda o interesse que Pasolini demonstrou pela revolução portuguesa de 1974, como laboratório da tese que estava desenvolvendo sobre o «novo fascismo, o do consumo e da cultura de massas que são impostos a populações desprovidas

de consciência». Refira-se ainda o estimulante texto de Ana Beatriz Andrade sobre a homologia/diálogo entre *La divina multi(co) média*, de Alberto Pimenta, e *La divina mimesis*, de Pasolini, obras que sem dúvida revisitam a *Commedia* de Dante Alighieri. Apesar das diferenças perfeitamente reconhecidas, há aspectos que unem funcionalmente a “viagem” primordial: as “borgate” romanas para Pasolini; as instituições burguesas para Alberto Pimenta.

Fecha o volume um “Perfil de Pier Paolo Pasolini”, de Giovanni Ricciardi, escrito com meios escassos pelo Autor, o qual, encontrando-se por acaso no Brasil em 1986, se viu na necessidade de improvisar uma apresentação para substituir o orador que deveria inaugurar o congresso no Rio de Janeiro sobre o escritor italiano. Como entretanto Giovanni Ricciardi faleceu prematuramente, prestamos aqui homenagem ao amigo e ao professor de literatura brasileira nas Universidades de Bari e de Nápoles, também conhecido estudioso de literatura portuguesa, em especial do movimento neo-realista português. MANUEL SIMÕES